

10
2010

R

evista de História da Sociedade e da Cultura

Tomo II



Centro de História da Sociedade e da Cultura
Universidade de Coimbra

Coimbra

estudantes ouviam as palestras e escreviam os seus apontamentos, não nos restando dúvidas de que éramos perfeitamente compreendidos.

No 1º dia trabalhos, Silvana Ferreri apresentou o livro de Maria Antonietta Rossi *Frammenti di Diário. Sebastião da Gama e la lingua portoghese*. Numa 2ª fase, que decorreu em Maio, foram ainda analisadas as relações de Portugal com a Polónia e com o Oriente.

Maria Antónia Lopes

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC
mafilopes@netvisao.pt

O Centenário da Morte do Padre Jesuíta Matteo Ricci 2010

Celebrando-se este ano o 400º aniversário da morte do padre jesuíta italiano M. Ricci, muitas têm sido e continuam a ser as actividades programadas para evocar tão importante efeméride. Uma delas teve lugar há poucos meses na colunata da Praça de S. Pedro, em Roma, onde esteve patente a exposição “Nos Cumes da História. M. Ricci: Entre Roma e Beijing”. O Vaticano quis assim associar-se às celebrações do quarto centenário da morte do padre jesuíta. Em Pequim (a “Cidade Proibida”), Shanghai, Nanquim e noutras cidades têm tido lugar congressos, colóquios e exposições itinerantes e têm sido publicados diversas obras, algumas delas reedições de edições de Ricci. O mesmo se diga de Itália e de outros países. O “Congresso Internazionale Matteo Ricci a 400 anni della morte”, em Macerata, de 28 a 30 de Outubro próximo, será certamente um dos acontecimentos mais marcantes, como sucedeu com outro sobre “Scienza, ragione e fede: il genio di Padre Matteo Ricci” realizado em Macerata. Aliás os centros Matteo Ricci de Paris, Macau, Taipé, S. Francisco, Macerata e Beijin e a “Association Ricci pour le grand dictionnaire français de la langue chinoise” de Paris têm desenvolvido uma intensa actividade no campo dos estudos riccianos, da sinologia e do diálogo do Oriente com o Ocidente.

Ricci nasceu em Macerata a 6 de Outubro de 1552 e morreu em Pequim a 11 de Maio de 1610. Começou por frequentar a escola dos jesuítas da

sua terra natal (1561-1568), passando depois a Roma para estudar direito. Mas em 1571 interrompeu os estudos jurídicos e entrou no noviciado da Companhia de Jesus. Entre 1572 e 1577 emitiu os primeiros votos, estudou durante alguns meses na Toscânia (talvez em Florença), entra no Colégio Romano para fazer a sua preparação humanística e científica.

Em 1577, decidiu fazer-se missionário no Oriente; partiu para Lisboa a fim de seguir para a Índia. Esteve alguns meses no Colégio de Coimbra – donde saíram muitos missionários para o Oriente – aprendendo o português, que lhe será mais útil do que o italiano, e talvez a teologia. No ano seguinte embarcou de Lisboa a 24 de Março chegando a Goa a 13 de Setembro. Entre 1579 e 1582 concluiu os estudos teológicos, vindo depois a ensinar humanidades aos alunos do colégio; foi ordenado sacerdote em Cochim (1580); A. Valignano, responsável das missões jesuíticas do Oriente, manda-o para Macau a fim de ajudar o P. M. Ruggieri na tentativa de entrar na China. A 7 de Agosto de 1582 chega a Macau. Depressa decidiu entregar-se ao estudo da língua chinesa.

Em Setembro de 1583, entra com Ruggieri no Reino do Dragão ou Império do Meio e funda com ele a primeira residência em Zhaoqing. Publica o primeiro *Mapa-mundi chinês* em 1584, que será reeditado várias vezes com a ajuda do amigo Li Zhizao; a edição de 1608 foi a pedido do imperador.

Em 1589, o novo vice-rei do Guandong expulsa os jesuítas de Zhaoqing; Ricci, depois de várias tentativas, obtém autorização para fundar uma nova residência em Shaozhou, a qual é assaltada em 1592, sofrendo Ricci uma deslocação do pé que deixará mazelas para sempre.

Em 1591, inicia a escrever o *Catecismo* em chinês. Em 1595, tenta entrar em Pequim na companhia de um mandarim. Chegado a Nanquim, foi obrigado a regressar. Permaneceu em Nanchang e aí funda a terceira residência. Data de 1595 o célebre *Tratado da Amizade* (“Jiaoyoun lun”) e a conclusão do *Tratado sobre a memória*.

Em 1597, faz os votos perpétuos e, no ano seguinte, na companhia do ministro dos ritos Wang Zhongming entra na capital do “Império do Meio”, mas decide deixar a cidade por causa do clima instável criado invasão da Coreia pelo Japão.

Em 1599, estabelece-se em Nanquim e aí cria a quarta residência. Em Maio, parte para de novo para a capital com a intenção de apresentar

oficialmente ofertas ao imperador Wanli; mas no caminho é preso pelo eunuco Ma Tang, que o manteve na fortaleza de Tianjin até Janeiro de 1601.

E é então que em 24 de Janeiro de 1601 penetra em Pequim graças a um decreto imperial, e na capital chinesa viria viver até à morte, por vontade do imperador, com o grau de mandarim e custeado pelo erário público. Ali trabalhou com os sábios e cientistas fazendo parte da Academia das Matemáticas e impondo o seu nome como autoridade nas matérias tratadas.

Em 1603, imprime o *Catecismo* com o título *Genuína noção do Senhor do Céu* e uma nova edição do *Mapa-Mundo*; e em 1605, edita o *Sumário da doutrina cristã* e as *Vinte e cinco sentenças morais*. Em 1607, publica a tradução dos primeiros seis livros da *Geometria* de Euclides, de colaboração com o amigo Xu Guangqi. Em 1608, edita os *Dez paradoxos* ou *Dez capítulos de um homem extraordinário*; no mesmo ano, inicia a redacção da história fundamental da missão chinesa, *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*. Publica uma nova edição do *Mapa-mundo* a pedido do imperador.

Morre em Pequim a 11 de Maio de 1610, extenuado da extraordinária actividade realizada. O imperador concede, pela primeira vez na história da china, um terreno para a sepultura de um estrangeiro. O túmulo é hoje muito venerado em Pequim.

Além de homenagear este gigante da fé e da amizade entre os povos, as comemorações em curso têm permitido aprofundar os conhecimentos sobre o missionário jesuíta, a sua actividade científica e sobre um modelo de evangelização da cultura e de inculturação do Evangelho que, em muitos aspectos, não tem paralelo na história da humanidade. A figura do P. M. Ricci, ficou-se durante três séculos um pouco na sombra por causa dos conhecidos incidentes dos assim chamados “ritos chineses”.

Mas hoje o P. Ricci tornou-se uma personalidade bastante estudada e admirada por todos sendo de destacar os investigadores chineses. Está em curso o processo de beatificação desta grande figura merecedora do mais vivo reconhecimento por tudo quanto o seu génio missionário e científico, a sua estatura espiritual e moral, a sua abertura e amplitude de visão da cultura deixaram como precioso legado. É à luz de tal testemunho que certamente crescerá a amizade com o povo chinês e serão reforçados os vínculos de comunhão com os católicos deste grande país. Já em 2001, ano em que se

comemorou o 4.º centenário da sua chegada à China, João Paulo II escreveu um significativo texto sobre a extraordinária figura deste ilustre filho de Macerata. O mesmo fez agora Bento XVI a propósito da efeméride em curso.

Na carta endereçada aos bispos chineses, em Maio de 2007, é repetidamente citado o P. M. Ricci, recordando o seu estilo e o seu método. Desde 1951 foram interrompidas as relações diplomáticas entre a Santa Sé e a China. Só ultimamente foram retomados os contactos informais num clima de degelo.

A extraordinária aventura missionária de M. Ricci, “Li Madou, “o sábio do Ocidente”, como foi designado e chamado em chinês levou-o a construir pela primeira vez na história uma verdadeira ponte de diálogo e de intercâmbio entre a Europa e a China. Foi intensa a actividade desenvolvida no campo da astronomia, da matemática, da música e da cultura clássica, o que lhe grangeou enorme reputação entre os sábios e a gente culta da cidade. Levou para a China a cultura ocidental e de lá trouxe a chinesa.

De grande mérito se reveste a feitura, em conjunto com o seu colega P. Ruggieri, do primeiro dicionário de chinês vertido para uma língua ocidental, o português, que constitui um marco assinalável para a sinologia.

A 11 de Maio de 1610, morre em Beijing, depois de uma breve doença. Pela primeira vez na história da China, o imperador concede um terreno para a sepultura de um estrangeiro. No “Millennium Center” de Beijing onde estão representados os protagonistas da história da China encontramos representados apenas dois estrangeiros: Marco Polo e Matteo Ricci, este vestido como um mandarim confucionista.

Como escreve A. Wardega: «Na China, há cinco modos de pertencer à sociedade. Um deles é o da amizade que permitiu a Ricci fazer o que fez. Ele não chegou aqui como uma qualquer pessoa. Trouxe consigo o universo e os conhecimentos das escolas europeias, baseadas na *Ratio studiorum*, directiva das escolas jesuítas. Era uma educação com sucesso na Europa de então», diz o director do Instituto Ricci. E acrescenta ainda: «Este ano, queremos fazer algo diferente: queremos analisar o tempo em que vivemos, que é de mudança, de globalização, de violência e de muitas dúvidas sobre o futuro, e em que são postos em causa os valores éticos e humanos que tão importantes são para um normal equilíbrio do homem e bom funcionamento da sociedade».

As publicações em chinês que passamos a referir foram a partir de 1601 todas realizadas em Pequim: *Zuchunan Tianzhu shijie*, “Dez mandamentos do Senhor do Céu transmitidos dos antepassados”, Zhaoqing, 1584, de colaboração com Michele Ruggieri; *Yudi shnanghai quantu*”, Mapa geográfico completo dos montes e dos mares”, Zhaoqing, 1584; Nanquim, 1600; Pequim 1602. 1603. 1609; *Jiaoyou lun*, “Tratado da amizade”, Nanchang, 1595; *Si yuanxing lun*, “Tratado sobre os quatro elementos”, 1599-1600; *Jingtian gai*, “Tratado das constelações”, 1601; *Tianzhu shiyi*, “Verdadeiro significado da (doutrina) do Senhor do Céu”, 1603; *Ershiwu yan*, “Vinte e cinco sentenças”, 1605; *Tianzhu jiaoyao*, “Compêndio da doutrina do Senhor do Céu”, 1605; *Xizi qiji*, “Exemplos estranhos de escrita ocidental”, 1605; *Riqiu dayu diqiu dayu yueqiu*, “Disco solar maior do globo terrestre e este maior do que o lunar”, depois de 1606-1607; *Hungai tongxian tushuo*, “Astrolábio e esfera com figuras e comentário”, 1607; *Jiren shipian*, “Dez capítulos de um homem extraordinário”, 1608; *Xiqin quyì bazhang*, “Oito canções para clavicímalo ocidental”, 1608; e *Huangrong jiaoyi*, “Tratado de figuras isoperimétricas”, 1609; *Tongwen suanzhi*, “Tratado de aritmética”, 1613; *Bianxue yidu* (“Disputas contra as seitas idolátricas”, 1615; *Celiang fayi* (Teoria e método das medidas), 1617; *Xiguo jifa*, “Mnemotécnica ocidental”, 1625.

Manuel Augusto Rodrigues

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.
mrodrigues@ci.uc.pt

**Seminário Internacional *Tomar estado: dotes e casamentos*
(séculos XVI-XIX)
Braga, 6 e 7 de Maio de 2010**

A 6 e 7 de Maio de 2010 decorreu na Universidade do Minho o Seminário Internacional *Tomar estado. Dotes e casamentos (séculos XVI-XIX)*, organizado pela Professora Doutora Maria Marta Lobo de Araújo e pela Dr.^a Alexandra Esteves.